

# Providência e Liberdade em Voltaire: uma homenagem à professora Maria das Graças de Souza

Vladimir de Oliva Mota •

## *Resumo*

Voltaire combateu por toda sua vida pelo uso livre e esclarecido da razão, considerando que este constituía o único meio possível para o aperfeiçoamento dos homens. Contudo, esse combate encontra, em seu pensamento sobre a História, um problema: a ideia de perfectibilidade dos homens exige a da liberdade, mas Voltaire nunca recusou a ideia de Providência divina que impediria a liberdade. O objetivo deste trabalho é indicar a solução voltairiana para conciliar liberdade e Providência divina: sob governo de Deus, há uma “porção de liberdade” humana.

## *Résumé*

Voltaire s’est battu toute sa vie pour l’usage libre de la raison éclairée, avec l’idée que celle-ci constituait le seul moyen possible de perfectionner les hommes. Néanmoins ce combat trouve dans sa pensée sur l’Histoire un problème: l’idée de perfectibilité des hommes exige celle de la liberté, mais Voltaire n’a jamais refusé l’idée de Providence divine qui empêcherait la liberté. L’intention de ce travail est indiquer la solution voltairienne pour concilier la liberté et la Providence divine: sous le gouvernement de Dieu il y a une “mesure de liberté” humaine.

---

• Doutor em Filosofia pela USP e Professor do Departamento de Artes Visuais e Design da UFS.

No início da década de 90, nos meus últimos anos no ensino médio, tive meu primeiro contato com a filosofia. Fiquei encantado com aquelas discussões que me pareciam diferentes de todas as outras monótonas disciplinas da escola. Era um aluno displicente, tornei-me, então, empenhado e buscava me dedicar à leitura e compreensão dos textos e, assim, melhor acompanhar aqueles debates provocantes acerca de questões que me pareciam mais relevantes a todas as outras.

Ao final do semestre, o professor, talvez reconhecendo meu esforço e interesse, presenteou-me com um livro de filosofia, o meu primeiro, e, para cúmulo do meu orgulho, com dedicatória. Do professor, a vida lentamente tratou de nos separar. O livro, evidentemente, guardo-o a sete chaves, marco de minha iniciação filosófica! Lia-o e relia-o com atenção, ansiava por apreender seu conteúdo; ele tratava de um filósofo com ideias instigantes e uma biografia surpreendente; o livro se chama *Voltaire: a razão militante*; sua autora, como sabemos, é a Prof<sup>a</sup>. Maria das Graças de Souza. Àquela altura, eu jamais poderia imaginar que essas duas figuras – Voltaire e a Prof<sup>a</sup>. Maria – iriam marcar tão fortemente a minha vida.

Anos depois, sob determinação do meu orientador no Programa de Iniciação Científica, no curso de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe, fui apresentar um trabalho, fruto daquela pesquisa, em um evento para graduandos na Universidade de São Paulo. À época, eu estudava o pensamento sobre a História e Providência em Bossuet, foi quando tive a oportunidade de ser apresentado à Professora Maria das Graças que, ao ouvir a resposta sobre o meu objeto de pesquisa, disse-me com a simpatia que lhe caracteriza: “Quem estuda Bossuet, termina estudando Voltaire”. Dali a mais alguns anos, tornei-me mestre e doutor pela Universidade de São Paulo, com dissertação e tese sobre Voltaire e sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Maria das Graças de Souza. Da escola, no centro de Aracaju no início dos anos 90, à pós-graduação em Filosofia na Universidade de São Paulo: acaso, liberdade ou Providência divina?

Uma das maiores controvérsias acerca do pensamento voltairiano sobre a História é o tema da Providência divina. Voltaire não conseguia negá-la. Contudo, bateu-se por toda a vida no propósito de salvaguardar uma “porção de liberdade”<sup>1</sup> ao homem face à Providência, eliminando a possibilidade do acaso.

---

<sup>1</sup> Cf.: VOLTAIRE. Le philosophe ignorant. In: \_\_\_\_\_. *Mélanges*. Paris: Gallimard, 1995 (Bibliothèque de la Pléiade). p. 869.

Voltaire admite a ideia, segundo a qual, Deus preside um universo ordenado: há uma Providência geral, entendendo por isso que nada no mundo ocorre fora de um fim estabelecido pelo Ser Supremo: “Tudo o que é feito foi previsto, foi arranjado. [...] Nada se faz contra a vontade da Providência, nem, até, sem ela. Tudo o que pertence à natureza é uniforme, imutável, é obra imediata do Mestre”<sup>2</sup>.

Voltaire admite, portanto, uma “Providência geral”, que seria uma consequência lógica de uma ideia de mundo saído das mãos de Deus. Contudo, não admite a possibilidade de uma “Providência particular”, que significaria uma negação da ordem eterna estabelecida pela divindade. O filósofo tem plena convicção de que os apelos à divindade para a melhora da vida humana na terra são inúteis e de que o bem-estar terreno depende das ações dos homens. No verbete “Providência”, surgido em 1771 na monumental *Questions sur l'Encyclopédie*, o filósofo zomba daqueles que creem numa Providência particular através da sua personagem, a irmã Fessue, que imaginava ter a Providência divina um cuidado especial por ela, pois, rezando nove *Ave-Marias*, conseguira que a saúde de seu pardal fosse restabelecida. Porém, um metafísico lhe adverte:

Minha irmã, nada há de tão bom quanto as *Ave Marias*, sobretudo quando uma jovem as recita em latim num bairro de Paris; mas não creio que Deus se ocupe muito com o vosso pardal, por mais bonito que ele seja: pensai, por favor, Deus tem outras ocupações. É necessário que Ele dirija continuamente o curso de dezesseis planetas e do anel de Saturno, ao centro dos quais Ele colocou o Sol, tão grande quanto um milhão de nossas terras. Ele tem bilhões de bilhões de outros sóis, planetas e cometas a governar, suas leis imutáveis e seu concurso eterno fazem mover a natureza inteira; tudo está ligado ao seu trono por uma cadeia infinita da qual nenhum anel pode estar fora do seu lugar. Se as *Ave Marias* fizeram viver o pardal da irmã Fessue um instante a mais do que ele devia viver, essas *Ave Marias* teriam violado todas as leis estabelecidas de toda eternidade pelo grande Ser; vós teríeis desordenado o universo; seria-lhe necessário um novo mundo, um novo Deus, uma nova ordem das coisas<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> VOLTAIRE. Fin, Causes finales. In: \_\_\_\_\_. *Dictionnaire philosophique*. Paris: Flammarion, 2010. p. 290-291.

<sup>3</sup> VOLTAIRE. Providência. Tradução Vladimir de Oliva Mota. In: *Philosophica: Revista de Filosofia da História e Modernidade*. São Cristóvão, No 3, março, 2002. p. 125.

Neste momento, a preocupação de Voltaire não é a de saber se o homem é determinado por mecanismos econômicos, sociais... Seu interesse é a relação Homem/Deus: é saber se diante de Deus e de sua Providência o homem é ou não livre, se a ação humana está presa a uma necessidade absoluta ou se pode agir fora dessa determinação, isto é, livremente. Não obstante, concluindo por uma ausência de liberdade absoluta, Voltaire empenha-se em defender uma “porção de liberdade” que cabe ao homem.

Levando em consideração que o pensamento de Voltaire acerca da liberdade sofreu nuances ao longo de sua obra, aqui interessa as ideias gerais, sobre liberdade, nesse filósofo, que permaneceram. Nesse sentido, o texto que servirá de guia aqui é um texto de maturidade, *O filósofo ignorante* (1766), obra na qual Voltaire, com mais clareza e precisão, apresenta sua síntese da noção de liberdade que não mais se alterará em seus textos futuros<sup>4</sup>; evidentemente, outros textos de Voltaire serão citados, mesmo anteriores ao que aqui serve de guia, com o propósito de explicar os seus argumentos que permaneceram.

Em *O filósofo ignorante*, Voltaire inicia sua exposição acerca da liberdade da vontade pela formulação do “princípio de razão”, ou seja, pela ideia segundo a qual não há nada sem causa. Assim, as ações dos homens encontram sua causa em ideias que lhes são necessárias e das quais eles não têm o controle: “Um efeito sem causa é apenas uma palavra absurda. Todas as vezes que eu quero, isso só pode ocorrer em virtude de meu julgamento bom ou mau; esse julgamento é necessário, portanto, minha vontade também o é”<sup>5</sup>. Numa carta a Frederico II, de outubro de 1737, Voltaire já definia vontade como “a última percepção ou aprovação do entendimento”<sup>6</sup>.

Sem a percepção ou aprovação do entendimento como causa da vontade, o homem seria diferente de toda a natureza e agiria ao acaso, não obedeceria a leis eternas, o que não tem sentido, pois “[...] se sabe que o acaso não é nada. Nós inventamos essa palavra para exprimir o efeito conhecido de toda a causa desconhecida”<sup>7</sup>. A necessidade

---

<sup>4</sup> Em *O filósofo ignorante*, Voltaire reconhece a guinada que sofreu seu pensamento sobre a liberdade dizendo o seguinte nas últimas linhas do capítulo intitulado “Eu sou livre?”: “O ignorante que pensa assim não pensou sempre da mesma maneira”. (VOLTAIRE. *Le philosophe ignorant*. In: \_\_\_\_\_. *Mélanges*. Paris: Gallimard, 1995 (Bibliothèque de la Pléiade). p. 870.

<sup>5</sup> VOLTAIRE. *Le philosophe ignorant*. In: \_\_\_\_\_. *Mélanges*. Paris: Gallimard, 1995 (Bibliothèque de la Pléiade). p. 868.

<sup>6</sup> VOLTAIRE. *Correspondance*. In: \_\_\_\_\_. *Oeuvres complètes de Voltaire*. L'édition Moland. Paris: Garnier, 1875. VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005.

<sup>7</sup> VOLTAIRE. *Le philosophe ignorant*. In: \_\_\_\_\_. *Mélanges*. Paris: Gallimard, 1995 (Bibliothèque de la Pléiade). p. 868.

das ideias como causa da vontade elimina a noção de “liberdade de indiferença”, pois uma ação deve necessariamente corresponder a uma ideia, eliminando a possibilidade do livre-arbítrio: “Portanto, eu devo pensar que [...] minha vontade não é mais livre nas coisas que me parecem mais indiferentes do que nas coisas as quais eu me sinto submisso a uma força invencível”<sup>8</sup>.

Como consequência do “princípio de razão”, a vontade não é livre em sua causa primeira, ou seja, os homens não são livres para querer ou não querer porque, como o querer ou o não querer depende necessariamente da ideia recebida, não se tem controle sobre essa recepção, os homens não escolhem querer ou não querer, eles querem necessariamente o que querem, senão eles o quereriam sem causa, o que é logicamente inaceitável. Pergunta Voltaire retoricamente: “Minhas ideias entram necessariamente no meu cérebro, como minha vontade, que delas depende, seria livre?”<sup>9</sup>

O argumento de que o homem não tem controle sobre suas ideias é mais detidamente discutido no *Il faut prendre en parti* (1775). Neste texto, Voltaire atribui à vaidade humana a pretensão de ser o homem o criador das próprias ideias que a percepção recebe e que, em determinado tempo, apresenta-se à vontade. Para tal argumento, o filósofo pensa ser suficiente duas provas: a primeira é que ninguém sabe, nem pode saber, que ideia lhe virá no próximo minuto, que vontade terá, que palavra pronunciará, que movimento o seu corpo fará; a segunda prova indica que é bem claro que o homem não tem nenhuma participação em tudo o que se faz no pensamento durante o sono. Conclui disso:

Chega, enfim, o tempo no qual um número mais ou menos grande de percepção recebida em nossa máquina parece se apresentar a nossa vontade. Cremos fazer ideias. É como se, abrindo a torneira de uma fonte, pensássemos formar a água que dela corre. Nós, criar ideias? Pobres homens que somos! [...] Pesemos bem essa vaidade de fazer ideias e veremos que ela é insolente e absurda!<sup>10</sup>

No artigo “Idéia” do *Dicionário filosófico* (1764), Voltaire explica que as ideias são uma imagem que se pinta no cérebro e a origem dessa imagem encontra-se na experiência:

---

<sup>8</sup> Ibidem, p. 869.

<sup>9</sup> VOLTAIRE. Le philosophe ignorant. In: \_\_\_\_\_. *Mélanges*. Paris: Gallimard, 1995 (Bibliothèque de la Pléiade). p. 868-869.

<sup>10</sup> VOLTAIRE. Il faut prendre un parti. In: \_\_\_\_\_. *Lettres Philosophiques; Derniers écrits sur Dieu*. Paris: Flammarion, 2006. p. 379.

“as ideias mais abstratas são apenas a sequência dos objetos que eu percebi [...]; eu só tenho ideias porque tenho imagens em minha cabeça”<sup>11</sup>. Em seguida, confessa que ignora como são pintadas essas ideias; ele não compreende como a matéria teria em si a virtude de produzir um pensamento e, então, supõe já que o pintor dessas ideias é Deus. Em *Tout en Dieu* (1769), o filósofo declara que Deus dá aos homens as sensações e as ideias. Explica: “Que quer dizer receber uma ideia? Não somos nós que a criamos quando a recebemos, portanto é Deus quem a cria”<sup>12</sup> Em outras palavras, uma “matemática geral” opera todas as produções das sensações e das ideias, isto é, Deus produziu o arranjo que torna possível as sensações e as ideias nos homens. Como essa ação se efetiva? Jamais se saberá<sup>13</sup>. Esse *malebranchisme tronqué* ou esse *malebranchisme retaillé* ou, ainda, essa atitude de

---

<sup>11</sup> VOLTAIRE. Dictionnaire philosophique. *Œuvres complètes*, Édition Moland. Paris: Garnier, 1875. VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005. Article Idée.

<sup>12</sup> VOLTAIRE. *Tout en Dieu*. In : \_\_\_\_\_. *Lettres philosophiques; Derniers écrits sur Dieu*. Paris : Flammarion, 2006. p. 313. Não se trata de um argumento falacioso do tipo *argumentum ad ignorantiam*, mas de um argumento probabilístico cujos fundamentos não serão aqui desenvolvidos. Sobre esse tema, ver: SAGER, Alain. Retour sur le probabilisme voltairien. In: *Cahiers Voltaire*. N° 13, Ferney-Voltaire, 2014.

<sup>13</sup> A origem das ideias – no sentido de saber como elas entram no espírito, como a experiência se transforma em ideia – é ser atribuída ao Ser supremo. Gerhardt Stenger refere-se à conclusão do *Tout en Dieu* (1769) como uma aproximação à tese de Malebranche acerca da origem das ideias (Cf.: STENGER, Gerhardt. Présentation. In: VOLTAIRE. *Lettres philosophiques; Derniers écrits sur Dieu*. Paris: Flammarion, 2006. p. 30). Como indica o subtítulo do livro – ele se chama *Tout en Dieu: commentaire sur Malebranche* –, o que se extrai dessa obra é mais uma confessa interpretação própria de Voltaire sobre uma ideia daquele filósofo do que uma aceitação de toda sua filosofia, pois, nessa mesma obra, Voltaire, embora afirme que Malebranche “tem razão”, não o faz sem deixar de constatar, antes, a existência de “todos os seus erros”: (VOLTAIRE. *Tout en Dieu*. In: \_\_\_\_\_. *Lettres philosophiques; Derniers écrits sur Dieu*. Paris: Flammarion, 2006. p. 313) Acerca da expressão malebranchista, “ver tudo em Deus”, Voltaire indica o que considera ser o único caminho à compreensão dessa ideia de Malebranche, pois, caso sua interpretação esteja equivocada, a argumentação do autor do *De la recherche de la vérité* não fornece nenhuma noção clara, nenhuma ideia distinta, em nada contribui para tornar os homens mais sábios, como Voltaire já afirmara no *Tratado de metafísica* (Cf.: VOLTAIRE. *Traité de métaphysique*. In: \_\_\_\_\_. *Mélanges*. Paris: Gallimard, 1995 (Bibliothèque de la Pléiade). p. 175). No *Tout en Dieu*, em concordância com o seu *Tratado* de trinta e cinco anos antes, Voltaire arremata: “Que podemos, portanto, entender por essas palavras: *ver tudo em Deus*? Ou essas palavras são vazias de sentido [como supôs Voltaire no *Tratado*] ou elas significam que Deus nos dá todas as nossas ideias”. (VOLTAIRE. *Tout en Dieu*. In: \_\_\_\_\_. *Lettres philosophiques; Derniers écrits sur Dieu*. Paris: Flammarion, 2006. p. 313) Esta última é a interpretação que Voltaire adota e, assim, associa-se completamente a Malebranche? Ou Voltaire apenas, com essa imprecisão, reforça a ignorância humana sobre como as ideias entram no espírito? Na adoção do argumento segundo o qual Deus nos dá todas as nossas ideias, a obra voltairiana mantém-se fiel a Malebranche; ou, como ocorreu em relação a todos os “heróis” da sua filosofia – para usar uma expressão de Pomeau –, Voltaire absorve a ideia para modelá-la ao seu pensamento e, conseqüentemente, corrompe a sua fonte e, assim, insere a possibilidade de reconhecer a ignorância acerca de como a sensação transforma-se em ideia? O laço entre os dois filósofos acerca do problema da ideia exigiria um estudo mais detido, que identificasse os limites dessa aproximação e apontasse, sobretudo, o afastamento entre Voltaire a Malebranche, o que este trabalho não se propõe. Por essa razão, é temerário afirmar um Voltaire malebranchista ao final da sua vida. Há, sem dúvida, como aponta Stenger, uma aproximação entre Voltaire e Malebranche acerca do tema da origem das ideias; contudo, adota-se aqui a perspectiva indicada por Dupron, trata-se de uma adesão parcial, assim como é parcial a adesão voltairiana a todos os pensadores que influenciaram sua filosofia.

*demi-adhésion* ao Padre Malebranche, para usar expressões de Jean Deprun<sup>14</sup>, permite a Voltaire, como explica Gerhart Stenger, “[...] elaborar uma filosofia essencialmente monista sem, para tanto, dar espaço ao ateísmo<sup>15</sup>”.

Assim, no sentido metafísico, a vontade dos homens não é livre, pois a vontade não é livre em sua causa primeira. Todavia, no sentido político, os homens são livres: é-se livre quando se pode fazer o que se quer. Explica Voltaire: “Ser verdadeiramente livre é poder. Quando eu posso fazer o que eu quero, eis minha liberdade”<sup>16</sup>.

A liberdade consiste no poder de se determinar e de agir segundo uma vontade. Voltaire repete incessantemente a ideia de que ser livre é poder se determinar pela vontade; por exemplo, nos *Elementos da filosofia de Newton* (1738) diz: “É livre quem se determina”<sup>17</sup>; na carta a Frederico II, de outubro de 1737, é mais específico: “Chamo *liberdade* o poder de pensar em uma coisa ou de não pensar nela, de se mover ou de não se mover, conforme à escolha do seu próprio espírito”<sup>18</sup>. Em nenhum texto Voltaire é mais didático acerca do problema da relação entre vontade e ação do que no verbete “Da liberdade” do seu *Dicionário filosófico*. Neste texto, o autor imagina o diálogo entre “A” e “B” acerca do tema aqui em tela. Algumas passagens desse diálogo são bastante esclarecedoras:

A. – Em que consiste, portanto, sua liberdade se não é no poder que sua pessoa exerceu ao fazer o que sua vontade exigia com uma necessidade absoluta?

B. – Você me deixa embaraçado. A liberdade, portanto, não é outra coisa senão o poder de fazer o que eu quero?

A. – Reflita sobre isso e veja se a liberdade pode ser entendida de outra forma.

[...]

B. – O quê?! Eu não sou livre para querer o que eu quero?

---

<sup>14</sup> DEPRUN, Jean. Le *Dictionnaire philosophique* et Malebranche. In: COTONI, Marie-Hélène. *Voltaire/Dictionnaire philosophique*. Paris : Klincksieck, 1994. p. 92-93. Por que *malebranchisme tronqué* etc.? Porque Voltaire não adota o Malebranche místico e agostiniano, nem o teórico da inquietude, nem o físico cartesiano etc.

<sup>15</sup> STENGER, Gerhardt. Présentation. In: VOLTAIRE. *Lettres philosophiques; Derniers écrits sur Dieu*. Paris: Flammarion, 2006. p. 30

<sup>16</sup> VOLTAIRE. Le philosophe ignorant. In: \_\_\_\_\_. *Mélanges*. Paris: Gallimard, 1995 (Bibliothèque de la Pléiade). p. 869.

<sup>17</sup> VOLTAIRE. *Elementos da filosofia de Newton*. Tradução Maria das Graças de Souza. Campinas: Editora UNICAMP, 1996. p. 38.

<sup>18</sup> VOLTAIRE. Correspondance. In: \_\_\_\_\_. *Oeuvres complètes de Voltaire*. L'édition Moland. Paris: Garnier, 1875. VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005. (grifo do autor).



A. – O que entende por isso?

[...]

B. – Entendo que sou livre para querer como me aprouver.

A. – Com sua permissão, isso não faz sentido. Não vê que é ridículo dizer: “Eu quero querer”? Você quer necessariamente em consequência das ideias que lhe são apresentadas. [...] Sua vontade não é livre, mas suas ações a são. Você é livre para fazer quando tem o poder de fazer<sup>19</sup>.

Isso implica dizer que o homem é, a um só tempo, agente e paciente. É agente quando se move voluntariamente e paciente quando recebe ideias. Essa porção de liberdade do homem em nenhum momento é ameaçada por Voltaire, ao contrário, ele insiste em ratificar: “não disse de forma alguma que o homem não é livre, eu disse que sua liberdade consiste no poder de agir e não no poder quimérico de *querer querer*”<sup>20</sup>.

A liberdade dada por Deus ao homem é um poder fraco, variável, limitado e passageiro, diz respeito apenas a poder se aplicar a alguns pensamentos e a operar certos movimentos, nada mais; a liberdade é tal qual a saúde e todas as faculdades humanas como, por exemplo, a visão, a força, o gosto, o pensamento... Todas elas são fracas, variáveis, limitadas e passageiras. Consequentemente, conclui: “Nossa liberdade é, como todo o resto, limitada, variável, numa palavra, muito pouca coisa, porque o homem é pouca coisa”<sup>21</sup>.

É possível perceber no conjunto da obra voltairiana uma importante distinção entre agir por vontade e agir por “vontade livre”<sup>22</sup>. Agir por vontade livre é diferente de agir por outros determinantes, embora em ambas as ações os homens sejam livres, ou seja, agem por vontade, de acordo com a última percepção ou aprovação do entendimento. Mesmo considerando a liberdade como poder fazer o que se quer, há ocasiões nas quais essa ação não se origina de uma vontade livre. Voltaire associa a ideia de vontade livre à de entendimento, de razão, e constata que os homens não fazem

---

<sup>19</sup> VOLTAIRE. De la liberté. In: \_\_\_\_\_. *Dictionnaire philosophique*. Paris: Flammarion, 2010. p. 371-373.

<sup>20</sup> VOLTAIRE. Le philosophe ignorant. In: \_\_\_\_\_. *Mélanges*. Paris: Gallimard, 1995 (Bibliothèque de la Pléiade). p. 909. Importante lembrar que *O filósofo ignorante* é de 1766, quando seu autor contava com setenta e dois anos, ou seja, trata-se de uma obra de maturidade, período que alguns comentadores costumam atribuir um fatalismo a Voltaire. Como se pode perceber pela passagem aqui citada, esse fatalismo é desautorizado pelo “filósofo ignorante”.

<sup>21</sup> VOLTAIRE. *Elementos da filosofia de Newton*. Tradução Maria das Graças de Souza. Campinas: Editora UNICAMP, 1996. p. 39.

<sup>22</sup> Atenção à flutuação da linguagem em Voltaire: foi dito no *Dicionário filosófico* que a vontade não é livre. “Agir por vontade” e “agir por vontade livre” quer aqui dizer que ideias diferentes podem nos ser simultaneamente apresentadas e a liberdade da vontade consiste em poder escolher entre elas.



sempre o que indica sua razão em ocasiões quando, por exemplo, a doença os acomete, quando as paixões os transportam, quando os seus julgamentos não podem alcançar o objeto apresentado etc.. Nessas circunstâncias, não é a razão humana que orienta sua ação – repete-se, apenas nesse sentido, quando a ação é orientada pela razão, age-se por vontade livre –, mas a última percepção ou aprovação do entendimento cuja origem pode se encontrar nas paixões, nas doenças etc., o que faz o homem ser arrastado a agir de determinada maneira. Todavia, mesmo agindo contra a vontade livre, o homem o faz por vontade, isto é, livremente porque segue necessariamente sua última ideia, não importando a procedência dela.

Não obstante a força de algumas ocasiões sobre a vontade, há circunstâncias impeditivas à vontade livre que são passíveis de serem superadas, por exemplo, é possível aos homens transporem a barreira das paixões com o fito de agir por uma vontade livre, orientando-as pelo uso da razão e, assim, podendo fazer o que a sua vontade livre lhe determina. Contudo, orientando ou não as paixões, a ação é livre. O filósofo explica:

Minha liberdade consiste em não fazer uma má ação quando meu espírito representa-a necessariamente má, em subjugar uma paixão quando meu espírito me faz sentir seu perigo e que o horror dessa ação combate poderosamente meu desejo. Nós podemos reprimir nossas paixões [...], mas nós não somos mais livres reprimindo nossos desejos do que em nos deixando arrastar por nossas inclinações; pois em um e em outro caso, nós seguimos irresistivelmente nossa última ideia, e essa última ideia é necessária, pois eu faço necessariamente o que ela me dita<sup>23</sup>.

Não foi por acaso, pois, como se viu, esse termo refere-se tão somente a efeitos conhecidos de causa desconhecida; então, por quais desígnios providenciais de Deus fui ligado a Voltaire e à Prof<sup>a</sup>. Maria das Graças de Souza? Jamais saberei, esses desígnios da Providência geral divina estão fora do alcance humano. Todavia, essa possibilidade me foi dada – desde o acesso a um livro sobre Voltaire até a pós-graduação da USP – pela vontade livre da Prof<sup>a</sup>. Maria e seu projeto de formação de professores e pesquisadores em Filosofia pelo Brasil. De minha parte, por uma vontade livre de associar-me a esse projeto. Assim, minha formação filosófica é, portanto, resultado dessa vontade livre, dessa ação esclarecida e esclarecedora da Professora Maria das Graças, dessa razão

---

<sup>23</sup> VOLTAIRE. Le philosophe ignorant. In: \_\_\_\_\_. *Mélanges*. Paris: Gallimard, 1995 (Bibliothèque de la Pléiade). p. 869.

militante.

### ***Bibliografia***

DEPRUN, Jean. Le “Dictionnaire philosophique” et Malebranche. In: COTONI, Marie-Hélène. *Voltaire/Dictionnaire philosophique*. Paris: Klincksieck, 1994.

SAGER, Alain. Retour sur le probabilisme voltairien. In: *Cahiers Voltaire*. N° 13, Ferney-Voltaire, 2014.

VOLTAIRE. *Dictionnaire philosophique*. Paris: Flammarion, 2010.

VOLTAIRE. *Elementos da filosofia de Newton*. Tradução Maria das Graças de Souza. Campinas: Editora UNICAMP, 1996.

VOLTAIRE. *Lettres philosophiques; Derniers écrits sur Dieu*. Paris: Flammarion, 2006.

VOLTAIRE. *Mélanges*. Paris: Gallimard, 1995. (Bibliothèque de la Pléiade).

VOLTAIRE. *Œuvres complètes de Voltaire*. L'édition Moland. Paris: Garnier, 1875.

VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005.

VOLTAIRE. Providência. Tradução Vladimir de Oliva Mota. In: *Philosophica: Revista de Filosofia da História e Modernidade*. São Cristóvão, N° 3, março, 2002.